

2.3. Clarice Lispector nas linguagens teatral, televisiva e cinematográfica

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça³

Resumo: Este artigo tem o objetivo de promover um breve estudo sobre as adaptações da obra de Clarice Lispector para o teatro, cinema e televisão, levantando uma discussão referente às diversas linguagens artísticas citadas e suas conseqüentes diferenças tanto em seus respectivos contextos quanto na estrutura dos textos originais, e suas versões para outros meios, analisando sob o ponto em comum dos originais e das adaptações da obra clariceana: a essência e o questionamento do ser das personagens.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Adaptação; Dramaturgia; Cinema; Televisão.

Abstract: This article aims to make a brief study on the adaptations of Clarice Lispector's work for the theater, cinema and television, raising a controversial discussion of the various artistic languages cited and their consequent differences both in their respective contexts and in the structure of the original texts and their versions for other media analyzing under common points of the original and adaptations of Clarice's work, the essence and the questioning of the being of the characters.

Keywords: Clarice Lispector; Adaptation; Dramaturgy; Movie; Television.

Após o fim da Segunda Guerra, em 1945, o fim da ditadura de Getúlio Vargas e o início do processo de redemocratização do país, o Brasil e o mundo começam a sofrer modificações. Nesse processo histórico, há a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), a elaboração da Declaração dos Direitos Humanos, a legalização de partidos políticos, no Brasil, ou seja: esse país e o mundo começam a adquirir novos conceitos e padrões.

Dentro desse contexto, conseqüentemente, a literatura brasileira também passa por alterações, principalmente na prosa, que busca uma temática mais intimista, de sondagem psicológica. Ao lado de nomes como João Guimarães Rosa, que conseguiu unir o regional ao universal, abordando profundamente o psíquico das personagens, destacou nessa geração Clarice Lispector, que junto de seus contemporâneos, promove uma abordagem

³ Pós-doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras, Cadeira 03, Patronímica de Antônio Correia de Oliveira; Pen Clube do Brasil e Instituto Internacional Cultura em Movimento. Professor das Faculdades Integradas Campo-Grandenses.

acerca da problemática existente no indivíduo em relação a sua existência e ao contexto social em que viveram.

Sua obra é o principal expoente da prosa intimista na Literatura Brasileira e a temática principal é o conhecimento do ser humano e seus questionamentos, o estar no mundo, o que resulta em uma narrativa de aspecto introspectivo.

Segundo Alfredo Bosi:

Há, na gênese de seus contos e romances, tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio. Que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irreduzível realidade (BOSI, 1994, p. 424).

Tanto nos romances quanto nos contos de Clarice Lispector, percebemos um paradoxo entre o eu e o não-eu, a preocupação com as palavras, valorizando o máximo as suas significações, tanto no sentido explícito, quanto nas entrelinhas, naquilo que está por trás das palavras, do que se deixa entender, utilizando-se de paradoxos, sinestésias e aliterações.

A escritora ucraniana, naturalizada brasileira, além dessa prosa introspectiva, destaca-se ao abordar o universo feminino, em uma época na qual predominava uma sociedade machista. Em sua obra, Clarice procura abordar os dilemas e os conflitos do próprio indivíduo em sua consciência e até mesmo em sua inconsciência, na busca de suas próprias respostas.

Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1943 e também marcado pela característica introspectiva da escritora, tendo sido premiado pela Fundação Graça Aranha no ano seguinte como o melhor romance de estreia. No livro, Joana, a narradora-personagem, relata a sua trajetória em dois planos: o da infância e o da fase adulta. Nesta obra, Clarice promove um mergulho profundo no universo feminino. Segundo Nilson Fernandes Dinis:

Sua singularidade surpreende a crítica literária da época por aparecer nos anos 40, em um período dominado por escritores homens e pela prosa regionalista. Em estilo intimista, a primeira parte do romance apresenta cenas da infância da personagem Joana, alternadas com cenas

de sua vida adulta. Apresenta também a produção de uma nova subjetividade: uma infância vivendo intensa experimentação do corpo no contato com o outro testando suas possibilidades e limites (DINIS, 2003, p. 30).

Clarice, nessa sua primeira obra, mostra que chegou para se firmar. Consegue vencer as barreiras, principalmente na temática do existencialismo feminino, desafiando toda uma sociedade machista, cuja literatura era produzida, na maioria, por homens. Desde a sua estreia na literatura, a autora deixou clara a sua intenção de investigar e dissecar a consciência humana, desvendando a própria existência, tendo como característica principal em sua prosa um aprofundamento nas efervescências do ser, com suas introspecções, seus diversos dilemas e inquietações.

Durante quase oito décadas, desde a sua publicação, alguns diretores enfrentaram o desafio de levar aos palcos uma adaptação teatral de *Perto do coração selvagem*, dentre as mais recentes a de 2012, sob a direção de Luís Artur Nunes e em 2017, dirigido e adaptado por Delson Antunes. Pode-se afirmar que adaptar a autora é uma empresa muito difícil; sendo assim, receberam muitas críticas, conforme podemos observar nesta, de Rodrigo Monteiro:

Trazê-lo para o palco, e encenado com narradores falando em terceira pessoa, a rapsódia marcante das peças dirigidas por Nunes, é um ponto positivo relevante da peça. A questão negativa, entre outras, é que a fala monocorde e o rosto sem expressão com os quais Thuran dá vida para Joana faz com que a personagem mais pareça Macabéia (de “A Hora da Estrela”) do que propriamente Joana. Nela, o ritmo do espetáculo cai, permanecendo sem curvas e, a partir daí, sem força que empurre a dramaturgia para o fim. Como um todo, a peça funciona porque a salvam a direção ágil de Nunes e outros bons trabalhos do elenco (MONTEIRO, 2012).

A crítica de Monteiro é referente à montagem de Nunes em 2012, deixando-nos uma reflexão acerca de todas as dificuldades e percalços existentes para uma boa montagem não só de *Perto do coração selvagem*, mas de toda a obra clariceana, que requer uma concepção muito bem elaborada.

Em 2017, estreou no *Teatro Café Pequeno*, no Rio de Janeiro outra versão do primeiro romance de Clarice, sob a direção de Delson Antunes. Observemos esta

afirmação do diretor do espetáculo em uma entrevista concedida ao portal Cabine Cultural, da jornalista Úrsula Neves:

A Clarice consegue ressaltar a eterna contradição humana como ninguém. Acho que essa característica dela é universal e faz com que nós nos identifiquemos com seus textos, com as suas palavras. Ela nos faz pensar, nos faz crescer como ser humano, tocando em temas como o feminino, os anseios, os sonhos, as decepções, as necessidades das relações e a solidão humana a partir do prisma feminino (NEVES, 2017).

Delson Antunes, durante o período de concepção e montagem, desenvolveu diversos estudos e pesquisas para melhor conseguir compreender o universo das obras de Clarice Lispector, tão repleto de intimismo, singulares conflitos, na busca do autoconhecimento e subjetividade.

Em relação à adaptação da obra de Clarice Lispector, desta vez para o cinema e do romance *A hora da estrela*, publicado em 1977, ano da morte da escritora, com um narrador onisciente, narra a trajetória da nordestina Macabéa, que migra para o Rio de Janeiro e trabalha como datilógrafa. *A hora da estrela* trilha um outro percurso literário, apresentando um novo ângulo: o drama da mulher nordestina, simplória, que é espremida pelo centro urbano. Ao mesmo tempo em que temos uma reflexão do psicológico, a obra também apresenta um caráter social.

Em 1985, a diretora Suzana Amaral levou às telas a versão cinematográfica de *A hora da estrela*, que teve uma recepção muito favorável da crítica, conquistando vários prêmios, dentre os quais, o Urso de Prata para Marcélia Cartaxo, que vive Macabéa, e para a diretora, no Prêmio da Crítica, também no Festival de Berlim.

É importante ressaltarmos que o rosto da atriz Marcélia Cartaxo, que viveu a protagonista da versão cinematográfica de *A hora da estrela*, ainda é associada à personagem Macabéa, principalmente aqueles que assistiram ao filme antes de ler o romance e, em suas leituras, são influenciados, imaginando a atriz como a protagonista do romance.

Embora bem fiel à sua temática, em relação ao romance homônimo, o filme de Suzana Amaral sofre algumas modificações, como por exemplo, o fato de ser ambientado em São Paulo, enquanto o romance se desenvolve no Rio de Janeiro, o que não afeta o

valor da versão cinematográfica, tendo em vista que a temática acerca do interiorano e suas impressões e experiências em um centro urbano é universal.

A obra de Clarice Lispector se expande através de outras manifestações e linguagens artísticas, principalmente em relação ao cinema e à TV. Além dos romances, a prosa de Clarice é marcada também por contos e crônicas, narrativas curtas, muitas dessas, convenientemente e primorosamente adaptadas sob a linguagem de curtas-metragens. Como é o caso do conto “Felicidade clandestina”, conto-título de um grupo de pequenas narrativas de Clarice, de 1998, dirigido por Marcelo Gomes, no qual aborda com sensibilidade a descoberta do mundo de uma escritora-criança, sob um olhar investigativo.

Outro conto que ganhou uma versão nas telas sob o mesmo formato foi “Ruído de passos”, de 1995, dirigido por Denise Gonçalves, baseado no conto homônimo que compõe o livro *A via crucis do corpo*. No filme, a diretora aborda com primoroso valor estético a breve narrativa clariceana, na qual uma senhora de oitenta e um anos entra em conflito por ainda sentir desejos; Denise Gonçalves filma a nudez dessa idosa com uma valorosa plasticidade.

Segundo Fabiano Tadeu Grazioli, Alexandre Leidens, Rodrigo da Costa Araújo e Rosemar Eurico Coenga:

Dos quatro segmentos que caracterizam a personagem, o primeiro e o último são os que têm mais importância na caracterização de Dona Cândida: a idade – oitenta e um anos – e o desejo sexual ainda vigoroso. É por meio desses pontos que a autora vai tecer a narrativa, pois é a preocupação da personagem com seu intenso desejo sexual que faz com que a história se desenvolva. No conto aparecem também o ginecologista, única personagem com quem Cândida dialoga, e a filha, que busca a mãe, de carro, no interior. Ambos não são nomeados, índice que também remete a sua atuação periférica. No filme, a importância e a centralidade de Cândida são conservadas. No entanto, o número de personagens secundários é aumentado, somando-se a filha e o médico ginecologista à obra. O segundo sistema conta com a figuração do esposo da filha, portanto, genro de Dona Cândida; a empregada da casa de campo e um casal de namorados. É importante salientar que essas personagens estão, de certo modo, previstas no conto, e o segundo sistema dá conta de articulá-las e promover sua configuração no curta-metragem (GRAZIOLI, LEIDENS, ARAÚJO, COENGA, 2017, p. 148).

Apesar da mesma temática e da fidelidade do filme, temos linguagens diferentes e, tendo em vista que se trata de um conto curto, foi preciso que, no roteiro, as personagens secundárias fossem enfatizadas com mais falas e ações para dar maior ação e consistência em sua adaptação.

Outro conto de Clarice Lispector que aborda o universo da mulher idosa é “Feliz aniversário”, do livro *Laços de família*, que teve duas adaptações televisivas; a primeira em 1977, e a segunda em 1994, esta com o fato interessante: Dercy Gonçalves viver D. Anita, a protagonista da história, sendo a primeira e última personagem dramática de sua carreira. As adaptações foram exibidas nos programas *Caso Especial* e *Terça Nobre*, respectivamente.

Logo no início, a versão dos anos de 1990, dirigida por Roberto Talma e adaptada por Geraldo Carneiro e Naum Alves de Souza, temos uma voz em *off* que pronuncia, de forma adaptada, uma frase de James Joyce, do livro *Perto do Coração selvagem*: “Ela estava só. Estava abandonada, feliz, perto do selvagem coração da vida”, deixando evidente a intertextualidade da versão televisiva, com a obra de Joyce e outras obras clariceanas.

Assim como no curta *Ruídos de passos*, o especial televisivo *Feliz aniversário* precisou dar mais ação e ênfase às demais personagens, pois no conto homônimo, praticamente toda a ação se desenvolve em torno das reflexões de D. Anita, uma anciã que analisa a mediocridade de seus familiares no dia da festa de seus oitenta e nove anos, que o narrador onisciente descreve. Tanto no conto quanto nas duas adaptações, o clímax ocorre quando D. Anita, depois de refletir bastante sobre sua família, fala o que pensa após pedir vinho, como podemos observar neste trecho:

- Me dá um copo de vinho! Disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão

- Vovozinha, não vai lhe fazer mal? Insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.

- Que vovozinha que nada! Explodiu amarga a aniversariante. – Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! Me dá um copo de vinho, Dorothy! – ordenou (LISPECTOR, 1998, p. 61-62).

Nas adaptações televisivas, após essa ação, a protagonista despeja verbalmente aquilo que no conto fica só em seus pensamentos e reflexões, “O tronco fora bom. Mas

dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera dar à luz àqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade?” (id., p. 60.) Na TV, as alfinetadas, os desabafos e as frustrações por parte dos familiares é mais explícita para enfatizar a fala de D. Anita.

Temos, na versão de 1994, maior dramaticidade na cena em que a aniversariante bebe vinho e finge desmaiar. Os familiares começam a discutir o destino da casa em Ipanema, sem se importar com a presença da anciã, aparentemente desfalecida. No meio da discussão, D. Anita desperta e fala o que pensa sobre seus parentes.

As duas adaptações de *Feliz aniversário* para a TV flutuam entre a dramaticidade, enfatizando a solidão humana, principalmente na terceira idade, e o humor, com pitadas de sarcasmo, principalmente na interpretação de Dercy Gonçalves, que oscilam entre a tristeza e a ironia.

Por abordar contextos muito profundos, as adaptações da obra de Clarice Lispector, para outras linguagens artísticas, requerem, além da sensibilidade por parte de elenco, roteiristas e diretores, um estudo profundo com sérias reflexões em relação ao universo clariceano, para, assim como os leitores, os espectadores poderem identificar a questão intimista e do estar do mundo, presentes no contexto, não deixando que a essência original da prosa se perca.

É importante lembrar que a literatura universal é aquela que se torna atual em qualquer época e em qualquer lugar do mundo; sendo assim, a obra de Clarice Lispector será sempre lida por várias gerações e adaptadas para diversas outras linguagens, cuja temática do questionamento do ser será sempre um estímulo para ser levada às telas ou aos palcos.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CLANDESTINA Felicidade. Direção de Marcelo Gomes. Intérpretes: Luci Alcântara, Luisa Phebo e Nathalia Coríntia. 1998, 15 minutos, P & B, 35mm.
- DINIS, Nilson Fernandes. “Perto do coração selvagem: resistência à disciplinarização do feminino e da infância”. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS. Jul./Dez., 2003.

FELIZ Aniversário. Adaptação de Antônio Carlos Fontoura. Direção de Paulo José. Intérpretes: Iracema de Alencar, Eloísa Mafalda e Nélia Paula. Rede Globo, 1977, 45 minutos, Cor.

FELIZ Aniversário. Adaptação de Geraldo Carneiro e Naum Alves de Souza. Direção: Roberto Talma. Intérpretes: Dercy Gonçalves, Glória Meneses, Hugo Carvana. Rede Globo, 1994, 45min, Cor.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. LEIDENS, Alexandre. ARAUJO, Rodrigo da Costa. COENGA, Rosemar Eurico. “Clarice Lispector: literatura e cinema”. In: **Travessias Interativas / São Cristóvão (SE)**, N. 14 (Vol. 7), p. 143–158, jul-dez/2017.

A HORA da Estrela. Direção de Suzana Amaral. Intérpretes: Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman. 1982, 1h 36min, Cor, 35mm.

KOTHE, Flávio. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A Via Crúcis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTEIRO, Rodrigo. <http://www.criticateatralbr.com/2012/11/perto-do-coracao-selvagem-rj.html>, 2012.

NEVES, Úrsula. <http://cabinecultural.com/2017/04/19/perto-do-coracao-selvagem-de-clarice-lispector-estreia-no-teatro-municipal-café-pequeno/>, 2017.

PELEGRINI, Tânia. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac/SP; Instituto Itaú Cultural, 2003.

RUÍDO de Passos. Direção de Denise Gonçalves. Intérpretes: Renée Gumiel, Sylvia Laila. Música de Fernanda Porto. 1995, 11 minutos, cor, 35 mm.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.